

The first portuguese religious ballads from the Modern Oral Tradition: an unknown collection

Os primeiros romances religiosos portugueses desde a Tradição Oral Moderna: uma colecção desconhecida

Sandra Cristina de Jesus Boto – Bolsista de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia / Instituto de Estudos de Literatura Tradicional (FCSH – Universidade Nova de Lisboa)
sandra.boto@gmail.com

ABSTRACT

Almeida Garrett (1799-1854) was the most famous among the portuguese romantic writers. He was also the first one, in the Iberian space, dedicating his efforts in search of modern oral ballads. But the three volumes of the *Romanceiro* (1843 and 1851) – where he publishes an important part of the oral ballads he collected – offered just one version of a “miracle ballad”, that one of “St. Irene”. And until the 21st century researchers didn’t notice any other evidence of religious ballads on Almeida Garrett’s spoil, except one single version written by himself on a notebook and badly identified. In 2004, a brand new collection of autograph manuscripts brought light to this question. After all, Almeida Garrett knew some versions of religious and miracle ballads that he probably intended to publish. So, this paper intends to study as deeply as possible those texts. First of all, we plan to determine which of Garrett’s texts are traditional ballads and which are not. Do they have connections with ancient ballads? Some are just composed by ancient authors like Gil Vicente (16th century) or D. Francisco Manuel de Melo (17th century) and adapted by the romantic author. But some are pieces of the true traditional voice from the first half of the 19th century. In order to classifying those religious ballads we are going to collate them with a corpus of versions from the modern portuguese oral tradition focusing on determining which variants belong to the authentic oral tradition and which constitute a romantic and authoral invention.

RESUMO

Almeida Garrett (1799-1854) foi o mais famoso dos escritores do Romantismo português. Mas foi também o pioneiro, no interior das fronteiras ibéricas, a dedicar-se à recolha dos romances orais tradicionais. Contudo, nos três volumes do *Romanceiro* (publicados em 1843 e 1851) - onde edita uma importantes parte dos romances da tradição oral que compilou - Garrett oferece apenas uma versão de um “romance de milagres”, precisamente o da “Santa Iria”. E até ao século XXI, para além deste texto, desconhecia-se qualquer outro testemunho do romanceiro religioso no espólio de Garrett, com excepção para uma versão redigida pelo seu punho num caderno de apontamentos e até hoje ignorada. Em 2004, a descoberta de uma colecção de manuscritos autógrafos garrettianos trouxe novos elementos a esta questão. Acima de tudo, mostra que Almeida Garrett conheceu algumas versões de romances religiosos e de milagres provenientes da tradição oral, que muito provavelmente pensava vir a publicar, mas que permaneceram inéditos. Nesta perspectiva, a presente comunicação visa estudar aturadamente estes textos. Em primeiro lugar, iremos determinar quais os textos garrettianos que correspondem a modelos existentes na tradição oral portuguesa e quais aqueles que claramente não o são. Existe alguma ligação entre estes e os textos da tradição romancística antiga? - procuraremos também responder. Na verdade, alguns dos romances religiosos de Garrett não passam de textos oriundos da pena de Gil Vicente ou de D. Francisco Manuel de Mello. Mas outros são monumentos da genuína voz tradicional da primeira metade do século XIX. Com vista, pois, à classificação destes romances religiosos, proceder-se-á à colação com um corpus de versões recolhidas da moderna tradição oral portuguesa, na expectativa de determinar as variantes procedentes da mais legítima tradição oral, em contraste com aquelas que provêm da invenção autoral romântica de Garrett.

Almeida Garrett (1799-1854) foi o mais proeminente vulto das letras românticas portuguesas, no que respeita à construção de uma concepção moderna dos géneros literários e, muito concretamente, o pioneiro, à escala ibérica, a dedicar-se à recolha, estudo e publicação do romanceiro de tradição oral moderna. Tomava Garrett como modelos os trabalhos coevos de divulgação da balada que, um pouco por toda a Europa, levavam a cabo Percy, Elis ou W. Scott, como o próprio autor reconhece na “Introdução” ao *Romanceiro e Cancioneiro Geral*, em 1843.

Esta constatação introdutória não constitui, certamente, qualquer novidade. Mas a aturada reflexão que tenho vindo a dedicar ao romanceiro de Almeida Garrett com vista à redacção da minha dissertação de doutoramento fez cruzar-se no meu caminho uma surpreendente e curiosa colecção de autógrafos praticamente desconhecida, relativa ao *Romanceiro* que o poeta português publicou em 1843 e 1851, de forma incompleta, acrescente-se.

Assim, esta colecção garrettiana, o Espólio Futscher Pereira, doravante assim denominado, que até ao ano de 2004 permaneceu incógnito numa casa particular em Lisboa, acrescenta, para além de outras peculiaridades, um dado interessante ao estudo do romanceiro português da tradição oral moderna. Trata-se do facto de conter, entre outras muitas versões de romances, uma interessante compilação de romances religiosos e devotos. Dito por outras palavras, dá-nos a conhecer a mais antiga – até ao presente – colecção de romances sacros portuguesa, reflexo da tradição oral da primeira metade do século XIX.

Recordo que, em 1851, na página XLV da “Introdução” ao Livro II do seu *Romanceiro*, tomo I, (numa altura em que já havia amadurecido o projecto editorial para a poesia popular), Almeida Garrett apresenta o desenho dos pensados cinco livros em que dividiria a publicação desta obra, dos quais só chega a publicar dois, em três tomos. Justamente o Livro III seria dedicado às “Lendas e prophecias” e até há bem pouco desconheciam-se os preparativos para essa publicação.

Na verdade, as evidências deixadas por Garrett no que respeita à preparação desse Livro eram verdadeiramente escassas e resumiam-se às informações contidas no célebre *Cancioneiro de romances, xacaras, solãos e outros vestígios da antiga poesia nacional*, caderno manuscrito autógrafo do poeta, iniciado em 1824 e depositado actualmente na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Nele, Garrett fixou por seu punho uma versão de uma composição religiosa poliassonantada que intitulou “Sta. Glória”. As restantes evidências de poesia religiosa, neste caderno manuscrito, não vão além de duas entradas no índice para os romances “A barca nova” e “Fonte da Cruz”. Apesar de, no corpo do caderno, Garrett ter deixado espaço em branco com a respectiva titulação no sentido de incluir futuramente estas versões, tal nunca chegou a acontecer, motivo pelo qual estes textos eram absolutamente desconhecidos. O aparecimento do Espólio Futscher Pereira veio, no entanto, colmatar esta falha, pois nele se encontram os romances anunciados no caderno.

Mas antes de prosseguir, afigura-se-me ser este o momento necessário para abordar uma questão metodológica que se prende com as designações aqui utilizadas para classificar a grande massa que são os romances de assunto religioso. Sigo, para o efeito, as propostas do Professor Pere Ferré, por sua vez elaboradas na esteira dos trabalhos de Diego Catalán sobre o romanceiro espiritual. Nesta perspectiva, divido os romances de assunto religioso em duas grande tipologias:

- a primeira, a dos romances devotos - cuja classificação se poderá consultar na *Bibliografia do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna* (1828-2000), da autoria de Pere Ferré e Cristina Carinhas – abarca um considerável número de romances de milagres e subdivide-se em “Romances devotos tradicionais” e “Romances devotos vulgares”.
- a segunda tipologia, a do romanceiro religioso, que nos interessa particularmente neste estudo, consiste, segundo propõe Diego Catalán no brilhante trabalho de 1985 “El romancero espiritual en la tradición oral”, num romanceiro de circulação oral, produto de *contrafactas* elaboradas durante o século XVI e XVII de populares romances tradicionais profanos vertidos ao divino que “han llegado a nosotros plenamente tradicionalizados, tanto en su discurso como en su intriga”²¹⁵, tal como afirma o insigne investigador.

No citado estudo, apresenta Catalán uma listagem dos romances “ao divino” – provavelmente a carecer de alguma revisão - que nos chegaram por tradição oral, relacionando-os com o romance profano do qual procedem. Em boa verdade, estas *contrafactas* adquiriram, ao longo do seu processo de tradicionalização, uma clara independência relativamente ao seu congénere profano, a ele guardando actualmente autonomia, ainda que, do ponto de vista do discurso e da intriga, se verifique um fortíssimo empréstimo de fórmulas e motivos tradicionais comuns ao romance profano e seu congénere religioso, segundo aponta ainda o Professor Diego Catalán.

Ora este romanceiro religioso, no seu sentido estrito, “al ser una historia sagrada de dominio común para el emisor y para el oyente cristianos, propiamente no se narra, sino que se rememora celebrativa

215 Diego Catalán “El romancero espiritual en la tradición oral”, in *Arte poética del romancero oral. Parte 1ª. Los textos abiertos de creación colectiva*, Madrid, Siglo Veintiuno, 1997, pp. 276-277.

o meditativamente”²¹⁶. Temos, assim, as portas abertas para a perda de funcionalidade do romance religioso, que passa a confundir-se com a oração, submergindo não raro a sua componente narrativa em prol da meditativa. Por outras palavras, esta mesma perda de funcionalidade conduz sem dificuldade à fusão dos géneros tradicionais, já de si abertos, através da mescla do fio narrativo próprio do romance com a oração e ainda com outras composições de carácter lírico-narrativo. Sem mais rodeios, assistimos, ao fim e ao cabo, à frequente desagregação do romance sacro, o que, como poderemos inferir, coloca inúmeros problemas no que respeita à classificação e estudo destes textos.

Neste sentido, o panorama crítico sobre o romanceiro religioso, em virtude de tudo o que acabámos de expor, é deveras escasso. No caso português, encontram-se em vias de divulgação os resultados de um importante projecto de investigação, *The Portuguese Religious Traditional Romanceiro in the Pan-hispanic Ballad context*, coordenado pela Professora Dr^a Teresa Araújo da Universidade Nova de Lisboa, cujo contributo para o conhecimento deste género será deveras valioso.

Aliás, devo salientar que a própria divulgação de um romanceiro religioso português teve um arranque tardio, durante o século XIX. O mesmo não sucedeu com os romances devotos modernos, cuja publicação teve início em 1844 com uma versão de “Santa Iria”, por Pereira da Cunha, publicada anteriormente à de Garrett.

Estaria, contudo, já bastante avançado o século, quando Teófilo Braga, edita, no *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano*, em 1869, algumas versões provenientes da Ilha de S. Jorge de romances do nascimento e paixão de Cristo. Seguem-lhe as pisadas, nos anos seguintes, os editores Estácio da Veiga, Álvaro Rodrigues de Azevedo, Adolfo Coelho, Consiglieri Pedroso e Leite de Vasconcelos, no que concerne à inclusão de romances religiosos e devotos nas suas colecções, quer nas de carácter regional, quer nas que pretendiam ilustrar a tradição romancística nacional.

Tal era, em síntese, o panorama editorial do romanceiro religioso (muito tardio e escasso) e devoto (relativamente documentado) dos primórdios da divulgação da tradição oral moderna portuguesa. O Espólio Futscher Pereira adquire, pois, a grande particularidade de adiantar no tempo o primeiro levantamento de um romanceiro religioso tradicional, da segunda para a primeira metade do século XIX, ao mesmo tempo que amplia o número de versões de romances devotos desta época.

Encontramos, neste espólio, alguns romances de temática religiosa de origem livresca praticamente inquestionável e que, portanto, nenhuma relação com a tradição oral indiciam. Refiro-me em particular aos manuscritos onde Garrett transcreve (e traduz, nalguns casos) romances de relacionados com a temática religiosa. São eles:

- “Barca dos Anjos” (romance da autoria de Gil Vicente retirado do *Auto da Barca do Purgatório*);
- “Chacara ao Natal por metaphora de umas cortes” (da autoria de D. Francisco Manuel de Mello);
- “Os padres no limbo” (romance da autoria de Gila Vicente retirado e traduzido do *Auto da História de Deus*);
- “Romance de Santa Genoveva” (certamente não se trata de uma criação garrettiana, mas de fonte, até à data, não localizada).

Contributo muito mais interessante para o estudo do romanceiro de tradição oral aportam os romances abaixo referidos que, igualmente contidos no Espólio Futscher Pereira, guardam evidentes conexões com a tradição oral moderna à qual Garrett recorre, apesar de com distintos graus de retoque autoral. Atentemos na seguinte lista:

Título atribuído por Garrett	Título e cota segundo o <i>Índice General del Romancero</i>	Classificação	Divulgação
“Sancta Iria”	Santa Iria (0173)	Devoto tradicional	Editado pela primeira vez em 1846 por Garrett, n’ <i>As Viagens na Minha Terra</i>
“Barca Nova”	La galera de la Virgen (0435)	Religioso	Transcrito recentemente num blogue administrado pela proprietária dos manuscritos
“O Sinal da Cruz”	sem correspondência (assonância em a-o)	Devoto vulgar?	Transcrito recentemente num blogue administrado pela proprietária dos manuscritos

216 *Op. cit.*, p. 288.

"O affogado"	Voces daba el marinero (0180)	Devoto tradicional	Inédito
"O cego com vista"	La Virgen y el ciego (0226)	Devoto tradicional	Inédito
"O ramo de oiro"	El cordón de la Virgen ((0236)	Devoto tradicional	Impresso em 2005 numa pagela
"Fonte da Cruz"	Cristo encomienda su madre a S. Juan (0712)	Romance religioso	Fixado no jornal <i>Público</i> de 9 de Dezembro de 2004
"A boa sorte"	La flor del agua (0104)	Devoto tradicional	Inédito
"O pobrezinho"	El labrador caritativo (0185)	Devoto vulgar	Inédito

No que respeita ao primeiro grupo dos romances não tradicionais, não resisto a particularizar aqui o caso de "Chacara ao natal por metaphora de umas cortes". O poema é, como vimos, da autoria do escritor seiscentista D. Francisco Manuel de Mello e foi publicado pela primeira vez em castelhano nas *Obras Metricas* deste escritor, em 1665. O trabalho de Garrett sobre este romance passa, pois, por um duplo processo: o da tradução para português e o da adaptação a uma linguagem mais conforme à estética do romancero de tradição oral, que Garrett tão bem dominava, assunto que abordarei mais detalhadamente noutra vez. E devo adiantar que esta prática com os romances de D. Francisco não se reduz, na verdade, a este romance de temática religiosa, mas estende-se a outros temas, constituindo por si só um ilustrativo exemplo do modo de trabalhar e de entender o romancero pelo poeta romântico.

Posto este parêntese, e ao relegar para outro sítio o estudo dos romances de temática religiosa absolutamente não tradicionais, focalizemo-nos então numa leitura rápida dos materiais de cariz religioso que constam no espólio com prováveis relações com a tradição oral (ver quadro):

- apenas dois romances pertencem ao grupo do romancero religioso
- cinco textos correspondem a romances devotos tradicionais
- somente dois textos (um dos quais, "Sinal da Cruz", levanta sérias dúvidas quanto à sua legitimidade porque até à data não localizei nenhuma versão análoga na tradição oral) pertencem ao romancero devoto vulgar

Assim sendo, concluímos que a grande maioria inscreve-se no quadro do romancero devoto tradicional, registando-se, entre estes, a presença de dois temas de avultada circulação na tradição oral moderna portuguesa: "Santa Iria" e "O lavrador da arada".

Não obstante, e como é do conhecimento dos investigadores que se dedicam ao romancero religioso e devoto, o estudo destes romances levanta profundos – para não dizer insolúveis – problemas. Cerceando, tal como previsto, o nosso campo de trabalho ao romancero religioso propriamente dito, uma primeira questão - e de complexa resolução – refere-se à aparente descontinuidade entre este romancero religioso moderno e o seu congénere dos séculos XVI e XVII. A este respeito, aponta Diego Catalán que:

La relativa escasez de descendientes modernos de los *contrafacta* espirituales que conocemos a través de los pliegos sueltos y cancioneros del Siglo de Oro no quiere decir que el romancero hoy cantado o recitado en el mundo de habla hispánica haya desechado la herencia de la poesía trocada a lo divino en los siglos XVI y XVII²¹⁷.

Não esqueçamos, a este respeito, que a falta de documentação para os séculos em causa é o motor de tal crença. Isto porque uma significativa parte dos romances ao divino do *Siglo de Oro* terá, sem dúvida, tido como suporte de circulação escrita os inúmeros folhetos de cordel de que conhecemos hoje apenas uma ínfima parte (para além de uma parcela fixada nos cancioneros gerais e, sobretudo, nos espirituais da época, citando como exemplos o *Cancionero general de la doctrina cristiana* - 1ª ed. 1579 - ou o *Vergel de flores divinas* - 1ª ed. 1582, antologias de poesia espiritual da responsabilidade de Juan López de Úbeda), o que parece justificar, portanto, esta aparente descontinuidade, que poderia colmatar-se, pelo menos em parte, com o acesso ao conteúdo destes cadernos.

217 *Op. cit.* pp. 276-277.

Por outra parte, a tradição oral moderna destes textos ostenta uma intrincada rede de contaminações, à qual acresce, não raro, as já mencionadas difusas fronteiras com a oração, facto que dificulta a definição dos próprios temas, bem como a conexão com os romances ao divino documentados nos séculos XVI e XVII. E veremos como se aplicam na íntegra estas considerações ao romanceiro religioso presente no espólio em estudo.

Após colação do romance "Fonte da Cruz" - que Garrett afirma conhecer das suas vivências de infância na Quinta do Castelo, nos arredores do Porto, e que recupera, segundo ele, em 1843, através da recitação de uma lavadeira natural de Loivos (não especifica se se trata de Loivos no concelho de Chaves, Montalegre ou Baião) - com versões religiosas da tradição oral moderna portuguesa, chegámos à conclusão de que estamos perante um texto de fonte indubitavelmente tradicional.

Achámos, em versões recolhidas no Arquipélago dos Açores, a confirmação para esta suspeita. Versões de S. Jorge e do Pico, fixadas pelo Prof. Costa Fontes, ostentatórias de uma rede de contaminações extremamente complexa, coincidem em diferentes segmentos com o texto de Garrett. Em primeiro lugar, mencionemos a convergência daquilo que julgamos ser o tema religioso principal, ou seja, o pranto da Virgem junto à cruz e a sua entrega a S. João, por Jesus Cristo (tema intitulado "Cristo encomienda su madre a San Juan"). Diz a versão de Garrett:

- Fonte nova, fonte santa, fonte de prata que luz!
 2 Santa Maria ao pé dela, S. João com seu capuz.
 Outra fonte fazem ambos a chorar o seu Jesus.
 4 – Minha mãe, esse é teu filho. - Diz o salvador da Cruz:
 – João, essa é tua mãe, que assim o quero e dispuz
 6 à hora da minha morte, e cá vos fique esta luz.

Uma versão da Fajã dos Vimes, S. Jorge, Açores²¹⁸, apresenta a mesma cena, ostentando, contudo, neste caso, a uma assonância distinta:

- Ó meu bendito filho, ó meu filho, ó bom Jesus!
 2 – Dizei-me, minha mãe; dizei-me, por quem chorais?
 Lá fica o vosso sobrinho S. João; amai-o vós por filho
 4 [.....] e a vós por mãe.

Ressalte-se que à versão garrettiana é transversal do princípio ao fim o motivo da fonte, que invade inclusivamente, como se viu, o tema da encomenda, pelo choro das personagens. Ela abre, justamente, com o segmento da fonte:

- Deixa-me ir à fonte nova que nasceu ao pé da cruz;
 2 é o sangue do cordeiro que se chama o bom Jesus.

E encerra recuperando o mesmo motivo:

- Quem quer vir à fonte nova que se fez ao pé da cruz?
 2 É o sangue do cordeiro que se chama o bom Jesus.

Ora, um segmento análogo marca presença numa versão deste romance do Pico (Açores)²¹⁹, mas encaixada no interior da narrativa:

- Vem-te cá, moço, vai-te lá, moço, vai-te acima e ò castelo.
 2 Se encontrases o perro moiro, pergunta s'ele é cristão.
 [.....] S'ele te disser que não,
 4 puxa o teu cutelo, rasga-le o coração.
 Cutelo tão estimado, arreliquo do perdão.
 6 Vós foste à fonte nova que se fez ao pé da cruz;
 lá 'tá o sangue do cordeiro e o menino do bom Jesus.

Os cinco primeiros versos da citação estão, na verdade, ausentes do romance garrettiano "Fonte da Cruz", que, diga-se, denota um indubitável esforço, por parte do poeta, de uniformização da rima. Desta, invariavelmente em –u, do princípio ao fim, encontramos alguns resquícios na mencionada versão do Pico.

Contudo, curiosamente, a mesma sequência de versos, tal como a transcrevemos da versão açoriana, marca presença na colecção de Almeida Garrett, mas num outro texto: o poema "Santa Glória" que,

218 Fixada em Manuel da Costa Fontes, *Romanceiro Português dos Estados Unidos, I: Nova Inglaterra*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1980, p. 144-145.

219 *Id.*, *Romanceiro Português do Canadá*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1979, pp.308-309.

segundo já atrás indicámos, se encontra fixado no *Cancioneiro de Romances...* Diz, a certa altura, a versão do caderno de Coimbra:

- Vem cá, moço, vem cá, moço, sube-te à quele castelo,
 2 se vire'-lo judeu perro pergunta-lhe se é cristão;
 se ele te disser que não, arranca do teu cutelo, dá-lhe pelo coração.
 4 Vamos ver a fonte nova que se fez ao pé da cruz.
 É o sangue do cordeiro que se chama o bom Jesus.

Na verdade, o romance “Santa Glória” omite por completo o segmento da encomenda da Virgem a S. João, mas apresenta uma configuração extremamente tradicional, com uma cascata de contaminações. A prova que de o romance do *Cancioneiro* corresponde ao mesmo modelo que conhecemos dos Açores assenta na abertura da versão garrettiana, contaminada com o tema “Anunciación a los pastores”, em i-a.

- Santa glória, gloriosa, tão formosa como uma rosa!
 2 Quando Jesus quis nascer veio ao mundo padecer.
 Veio o anjo Gabriel, perguntou pelo pastor:
 4 [.....] - Pastor, tenhais os bons dias,
 que a Virgem teve a Jesus com prazer e alegria,
 6 [.....] todo o mundo salvaria,
 só o perro moiro não, que matou o Cristo Deus.

Na já citada versão de S. Jorge, a abertura do poema mantém a memória do motivo do anjo, mas a contaminação já não é efectivada pelo diálogo com os pastores, nem muito menos se preserva a rima em i-a:

- Senhora santificada, rainha do Israel,
 2 delicada e achada pelo anjo S. Graviel:
 vós foste merecedora de trazer o vosso ventre escondido
 4 p'r'amostrar e para ver no mundo o que era perdido²²⁰.

Ora, do confronto destes dois textos garrettianos com as versões dos Açores, somos autorizados a concluir o seguinte: a) ambos são legitimados pela tradição açoriana (não dispomos de elementos para afirmar que noutras zonas de Portugal este modelo se repete); b) contudo, “Fonte da Cruz” denota um maior e mais evidente trabalho de aperfeiçoamento por parte do poeta, que, pelo menos, terá uniformizado a assonância e terá deixado o romance, a avaliar também pelo aspecto conclusivo do manuscrito, mais ou menos pronto para publicação; c) por seu turno, “Santa Glória” corresponde manifestamente a um texto bastante próximo da tradição oral, que Garrett terá deixado previsivelmente para burilamento futuro.

Mas um olhar mais profundo sobre os textos da tradição açoriana põe em relevo que a fusão entre a anunciação, a encomenda da Virgem a S. João e o motivo da fonte configuram uma unidade textual, ao invés do que se verifica nos textos de Garrett, que separa, por um lado, a encomenda da Virgem (“Fonte da Cruz”) e, por outro, os restantes fragmentos.

Face a isto, podemos assumir que o poeta tenha tido contacto com uma versão correspondente a este modelo compósito e que, ao tomar consciência, provavelmente instintiva, de que a cena da encomenda da Virgem junto à cruz correspondia a um núcleo autónomo, terá separado de modo intencional este fragmento integrado no motivo da fonte, compondo, deste modo, um romance que reuniria as condições de inteligibilidade narrativa. Não interveio significativamente, todavia, sobre o novo texto obtido a partir da fragmentação, que fixou no caderno como “Santa Glória” e que, excluindo a cena da Virgem e de S. João, portanto, mas mantendo os versos relativos à fonte nova, reproduz de perto o modelo tradicional.

Precisamente esta vivência autónoma que observamos do tema da encomenda da Virgem na versão garrettiana, que cremos forjada pelo poeta, encontrámos num velho romance ao divino de Juan López de Úbeda, “Mal herido Iesus Christo se sale de la batalla”, cuja primeira fixação conhecida é a do *Cancionero General de la doctrina cristiana* (1579), contrafacta do romance profano pertencente ao ciclo da Bretanha “Herido está don Tristán de una muy mala lanzada”. Tal contrafacta religiosa (assonância em á-a) é o mais antigo testemunho romancístico que se conhece onde se narra de forma desenvolvida, independente e adaptada ao estilo do mais puro romance velho, a cena da paixão da encomenda da Virgem a S. João. Vejamos:

- lo que os ruego primo mio lo postrero que os rogaua
 2 que despues que yo sea muerto y mi anima apartada
 tengays por madre a mi madre y de vos sea acompañada
 4 consolalda de mi parte seruilda reuerencialda²²¹.

220 *Op. cit.*, p. 144.

221 Cito por *Cancionero general de la doctrina cristiana hecho por Juan López de Úbeda* (1579, 1585, 1586), con una introducción bibliográfica por Antonio Rodríguez-Moñino, 2 tomos, Madrid, Sociedad de Bibliófilos Españoles, 1962-1964.

Passemos agora para o segundo testemunho religioso do espólio Futscher Pereira, dado pelo romance “Barca Nova”, ou seja, “Barca Bela”, em -á, estudado já na tradição portuguesa pelo Prof. Costa Fontes²²². Recuperando as origens do romance, é este apontado como o romance do “Conde Arnaldos” vertido ao divino, do qual, contudo, não se conhecem versões antigas, mas que será de origens certamente vetustas.

Na introdução manuscrita ao romance, Garrett afirma tê-lo recolhido na mesma quinta-feira santa dia de Abril de 1843 à cozinheira que estava a ensinar a filha, Maria Adelaide. Desta versão, o espólio contém dois testemunhos, um claramente em fase de rascunho, rejeitado por Garrett com um risco, e um segundo, mais definitivo, que guarda algumas variantes de pouca monta relativamente ao primeiro. Para efeitos de estudo, centrar-me-ei no rascunho, por corresponder a um grau inferior de intervenção autoral no texto. Reza assim o início da versão de Garrett:

- Quem quer ver a barca nova que se vai deitar ao mar?
 2 São João é o marinheiro, os anjinhos a remar.
 Por bandeira as cinco chagas são o estandarte real,
 4 dentro vai Nossa Senhora, agulha do marear.
 As três Marias à proa sentadas vão a cantar,
 6 seus mantéus pela cabeça a carpir e a chorar.

Segue-se a descrição do quadro da Virgem na barca, com o Senhor morto nos braços, estando presentes José de Arimateia e Nicodemus, bem como a chegada ao Santo Sepulcro.

Na tradição portuguesa, este romance surge muitas vezes truncado, reduzido não raro aos dois ou quatro primeiros versos, e influenciado pela vulgata transmitida pelo Livro da Terceira Classe. Não obstante não ter encontrado, nas versões tradicionais portuguesas que manipulei, qualquer referência às três Marias, ou a Nicodemus, o que faz sugerir que a continuação da versão garrettiana assenta numa reelaboração sua, segundo informação disponibilizada pelo Prof. Costa Fontes no mencionado estudo, algumas versões de Segovia e Astúrias (Espanha) e do Chile conectam a cena da “Barca Bela” com uma narrativa da Paixão. Diz, então, Costa Fontes que

La Pasi3n (in Asturias) goes on to narrate how the Virgin fainted upon hearing what was being done to her son, and how she and St. John followed a trail of blood to find him being crucified. Yet, note that La Pasi3n bears some resemblance to Barca Bela, for the Virgin travels on a boat whose oarsman also sings a song²²³.

Por seu turno, a versão de Garrett desenvolve no barco a cena bíblica do Senhor Morto, que é pictoricamente descrita. No entanto, a existência destas versões apontadas pelo Professor Costa Fontes parecem sugerir que a ligação entre a “Barca Bela” e a temática da Paixão pode não ser, como à primeira vista parece, um retoque apócrifo de Garrett, mas uma ocorrência registada na tradição oral moderna.

Já, num plano oposto, o verso 3 do texto de Garrett apresenta uma insólita solução, que transforma subtilmente o verso segundo circula habitualmente na tradição oral. Nesta, frequentemente, faz-se referência à bandeira de Portugal, como nas seguintes versões:

- na ponta do mastro leva a bandeira de Portugal (Pico, Açores)²²⁴
 que linda bandeira leva, bandeira de Portugal (Madeira)²²⁵
 arrearam-se as bandeiras, viva o rei de Portugal (Minho)²²⁶

O recurso metonímico às cinco chagas de Cristo deste verso garrettiano surge em substituição de “bandeira de Portugal”, uma variante de retórica claramente não tradicional. Mas, com efeito, o que mais salienta esta versão garrettiana é a negra tonalidade que perpassa, sem dúvida, pelo texto de Garrett – o amortalhar, o Santo Sepulcro, o carpir – que a tradição oral moderna portuguesa não reproduz, de todo. Garrett terá adaptado o motivo medieval da barca de Caronte como passagem para o outro mundo, que se encontra na tradição portuguesa do romance “Barca Bela” extremamente suavizado e mesmo substituído pelo motivo da perda de orientação no mar tal como se verifica numa versão da Ilha das Flores (Açores). Esta, que denota a conservação de tópicos da versão profana antiga, como as velas de seda e as aves, prossegue do seguinte modo após a abertura:

- Rema, rema, remador, que no mar vamos perdidos:
 2 levamos as velas rotas e os mastros já são rendidos.

222 Manuel da Costa Fontes, “Barca Bela in the portuguese oral tradition”, *Romance Philology*, 37 (1983-1984), pp. 282-292.

223 *Op. cit.*, p. 288.

224 *Id.*, *Romanceiro Português do Canadá*, p. 213.

225 *Op. cit.* p. 215.

226 Teophilo Braga, *Romanceiro Geral Portuguez, II, Romances de aventuras, historicos, lendarios e sacros*, Lisboa, Manuel Gomes, 1907, pp. 498-499.

- As velas eram de seda e não puderam abainar;
4 os mastros eram de pino e não quiseram avergar.
Os peixes que andam no mar às bordas vieram escutar,
6 as aves que andam no céu aos mastros vieram pousar²²⁷.

Diz Garrett, na introdução manuscrita ao romance, quando aponta o dedo às evidentes relações com o romance vicentino "Barca dos Anjos", que "há um sabor tão forte àquela devoção poética e apaixonada da meia idade, que não fica mínima dúvida de que nasceu [a "trova"] por esses tempos. Daí se viria traduzindo, pela tradição oral que a conservou, até ao presente estado em que se encontra." É possível, pois, que a conexão entre este tema do barco com a Paixão de Cristo assente num modelo tradicional que, entretanto, terá desaparecido, ou quase, da tradição oral portuguesa, mas que Garrett pode ter encontrado ainda no século XIX.

E para terminar estas considerações acerca do romanceiro religioso garrettiano, arrisco algumas conclusões gerais decorrentes do que acabei de expor.

- 1) Salta à vista que o trabalho em torno destes textos, deixados por Garrett em fases distintas de elaboração (3 religiosos, no total; 2 deles conservados no espólio), não difere, em termos de procedimento editorial, dos textos profanos que Garrett editou no *Romanceiro*.
- 2) O romance intitulado "Fonte da Cruz" denota um grau de intervenção e de aperfeiçoamento significativos. A não ter sido considerado como definitivo pelo poeta, certamente não estaria muito longe.
- 3) Dos três, o romance "Barca Nova" aparenta ser, pelo confronto com as versões tradicionais portuguesas, o que sofreu reelaborações mais profundas. Garrett incorporou-lhe toda uma retórica renovada, pintando uma cena da Paixão.
- 4) Por último, refira-se o texto "Santa Glória", de longe o que melhor corresponderá a um modelo tradicional e que, creio, deverá ser relacionado com o intitulado "Fonte da Cruz", a partir da análise que aqui empreendemos.

BIBLIOGRAFIA

Materiais garrettianos:

Impressos:

GARRETT, *Romanceiro e Cancioneiro Geral*, I, Lisboa, Typ. Da Doc. Propagadora dos Conhecim. Uteis, 1843.
Romanceiro, II e III, 2 tomos, Lisboa, na Imprensa Nacional, 1851.

"Fonte da Cruz", edição de Luís Augusto Costa Dias, *Público* de 9 de Dezembro de 2004, p. 3.

Romanceiro, II e III, Lisboa, na Imprensa Nacional, 1851.

"O ramo de ouro", fixação do texto pela família Futscher Pereira in *Pagela em Memória de Cristina Futscher Pereira*, 2005.

Manuscritos:

Garrett, João Baptista da Silva Leitão de Almeida, *Cancioneiro / de / Romances, Xacaras, Solãos / e outros vestígios / Da antiga poesia nacional / Pela maior parte conservados na tradição oral dos povos / E agora primeiramente colligidos / Por / J.-B. De Almeida-Garrett. / Começado / 1824* (depositado na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).

Espólio Futscher Pereira relativo ao Romanceiro, materiais éditos e inéditos, 1842?-1853/54.

Estudos, bibliografias e outras fontes textuais:

BRAGA, Teophilo, *Cantos Populares do Archipelago Açoriano*, Porto, Livraria Nacional, 1869.

Romanceiro Geral Portuguez, II, Romances de aventuras, historicos, lendarios e sacros, Lisboa, Manuel Gomes, 1907
Cancionero general de la doctrina cristiana hecho por Juan López de Úbeda (1579, 1585, 1586), con una introducción bibliográfica por Antonio Rodríguez-Moñino, 2 tomos, Madrid, Sociedad de Bibliófilos Españoles, 1962-1964.

CATALÁN, Diego "El romancero espiritual en la tradición oral", in *Arte poética del romancero oral*. Parte 1ª. *Los textos abiertos de creación colectiva*, Madrid, Siglo Veintiuno, 1997, pp. 276-277.

FONTES, Manuel da Costa, *Romanceiro Português do Canadá*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1979.

Romanceiro Português dos Estados Unidos, I.: Nova Inglaterra, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1980.

"Barca Bela in the portuguese oral tradition", *Romance Philology*, 37 (1983-1984), pp. 282-292.

FERRÉ, Pere e Cristina Carinhas, *Bibliografia do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna (1828-2000)*, Madrid, Instituto Universitario Seminario Menéndez Pidal, 2000.

MELLO, Francisco Manuel de, *Obras Métricas*, edição coordenada por Maria Lucília Gonçalves Pires e José Adriano de Freitas Carvalho, col. «Obras Clássicas da Literatura Portuguesa», 2 vols., Braga, APPACDM, 2006.